

## Vende-se o litoral Brasileiro

Interessados, entrar em contato com a  
Secretaria da União Federal. pág. 3

- ▶ O caos anunciado para a Lagoa pela ineficiência do plano diretor da cidade. pág 5
- ▶ Depoimentos de músicos profissionais dizendo como é difícil viver de música na ilha de Santa Catarina. pág 4
- ▶ Má elaboração da lei que favoreceria a TV Comunitária, acaba prejudicando. pág 11
- ▶ Cuiosidades de uma banda de Florianópolis quando o vocalista está preso. pág 6
- ▶ Sugestão de turismo ecológico para aventureiros de final de semana. pág 10

**ZERO**

ANO XVII - Nº 1

ABRIL DE 2001

Jornal Laboratório do curso de Jornalismo da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
FLORIANÓPOLIS

**EXPEDIENTE**

Coordenação

**Prof. Henrique Finco**

Projeto Gráfico

**Wagner Maia**

Diagramação

**Alexandre Brandão****Wagner Maia**

Arte Gráfica

**Wagner Maia**

Edição de texto

**Henrique Finco****Wagner Maia***Copydesk***Marcela Albuquerque****Wagner Maia**

Fotografia

**Lília Lacerda, Leonardo Miranda,****Wagner Maia**

Repórteres

**Daniela Fernandes, Fabiano Ávila,  
Marcela Albuquerque, Marco Brito,  
Marcos Franzoni, Marina Nagel, Yula  
Jorge, Wagner Maia.**

Ilustrações

**Wagner Maia****REDAÇÃO**

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Curso de Jornalismo

Campus da Trindade

88040-900 - Florianópolis, SC

Telefones

(48)331-9490

(48)331-9084

Fax

(48)331-9898

Home Page

[www.jornalismo.ufsc.br](http://www.jornalismo.ufsc.br)

E-mail

[zero@cce.ufsc.br](mailto:zero@cce.ufsc.br)**EDITORIAL****Aos alunos de Jornalismo**

**“Um dos problemas sérios que estamos enfrentando aqui na UFSC é o da falta de informação confiável circulando. Antes tinha o Zero, que era um jornal combativo. Aliás, o Zero ainda existe?”**

A citação acima é de um professor de nossa Universidade, durante uma Assembléia Geral, convocada pela APUFSC.

Só esclarecendo: a participação dos alunos no jornal Zero é livre: não há censura nenhuma e são os próprios alunos que definem as pautas. O professor responsável pelo laboratório apenas orienta todas as etapas. Historicamente, os alunos sempre produziram o Jornal Zero e o fizeram muito bem. De uns dois anos para cá, deixou de ser assim: a impressão é a de que os alunos apenas participam para obter mais alguns créditos curriculares e, mesmo assim, é uma participação medíocre.

Realmente, o que aconteceu – e o que tem acontecido – com o Zero, que já foi referência regional e nacional, em termos de jornal laboratório, em diversas ocasiões? Como não conseguimos produzir com regularidade um jornal, se há verba, espaço físico e equipamento para fazer isto? Porque os alunos de jornalismo não estão participando de nosso Jornal Laboratório? Você duvida? Olhe o expediente aí ao lado e veja quantos produziram esta edição, em um Curso com cerca de 200 alunos...

Esta situação não é de agora e já tentei respostas a ela. Sim, o Curso cresceu: temos muito mais laboratórios do que há anos atrás, a maioria muito atualizados; temos o Universidade Aberta, produzindo para TV, rádio e internet; temos a OPG. É certo que tudo isto é muito atraente aos alunos. Mas acho que a explicação não está aí. De fato, não sei onde possa estar, mas gostaria de encontrar a explicação do por quê alunos de jornalismo não se sentem estimulados a produzirem um jornal...

Prof. Henrique Finco

# Está a venda o litoral brasileiro

**Projeto de lei obriga a venda dos terrenos de marinha para quem acha que já os comprou**

Parece o tema de uma música de Raul Seixas na qual se reteria dizendo que é melhor alugar o país para os estrangeiros, mas o governo federal achou coerente vender logo de uma vez, ao menos o litoral. Qualquer pedaço de terra que esteja próximo do mar, ou de rios que sofram a influência da maré terá que ser renegociado com a União, ou será leiloado para quem tiver interesse. A lei que obriga a venda dos terrenos de marinha, como são chamados, foi aprovada em 1998, e está em fase de regulamentação em todo o Brasil.

Em 1997, o governo editou uma medida provisória, nº 1547, pedindo autorização do congresso nacional para vender os terrenos da União Federativa e foi aprovada pelo Congresso Nacional em 1998. A lei nº 9636 está em vigor desde o início de janeiro deste ano, pois quando foi legitimada ainda deixava dúvidas na interpretação. Quando ainda era medida provisória, tratava todos os terrenos da ilha de Santa Catarina como sendo da União, de acordo com a Constituição de 1988, inciso 4º do artigo 20.

Se assim fosse, toda a ilha de Florianópolis poderia ser vendida, obrigando os moradores a recomprar suas propriedades, caso contrário, elas seriam leiloadas. Houve uma ação por parte da Ordem dos Advogados do Brasil, a Universidade Federal de Santa Catarina e entidades como a Associação Comercial de Florianópolis, para a criação de um fórum de discussão que reavaliasse a regulamentação desta lei aqui na ilha. Criaram-se 26 emendas à tal medida provisória, retirando da regulamentação desta lei os terrenos interiores localizados em ilhas sedes de municípios.

Um dos deputados federais que votaram contra essa lei, Édison Andrino, justificou dizendo que achou um absurdo a maneira como o governo está tratando esse assunto. E continua, comentando que o governo até

poderia se desfazer desses terrenos, mas de uma maneira que levasse em conta os valores destas áreas e o que as pessoas já investiram em benfeitorias para que o imóvel tivesse o valor que tem hoje.

Um dos principais impasses é quanto ao estado atual dos terrenos de marinha no Brasil, cujo último levantamento é datado de 1831. Em Santa Catarina a medição já foi feita e publicado um novo edital constando a faixa de ter-

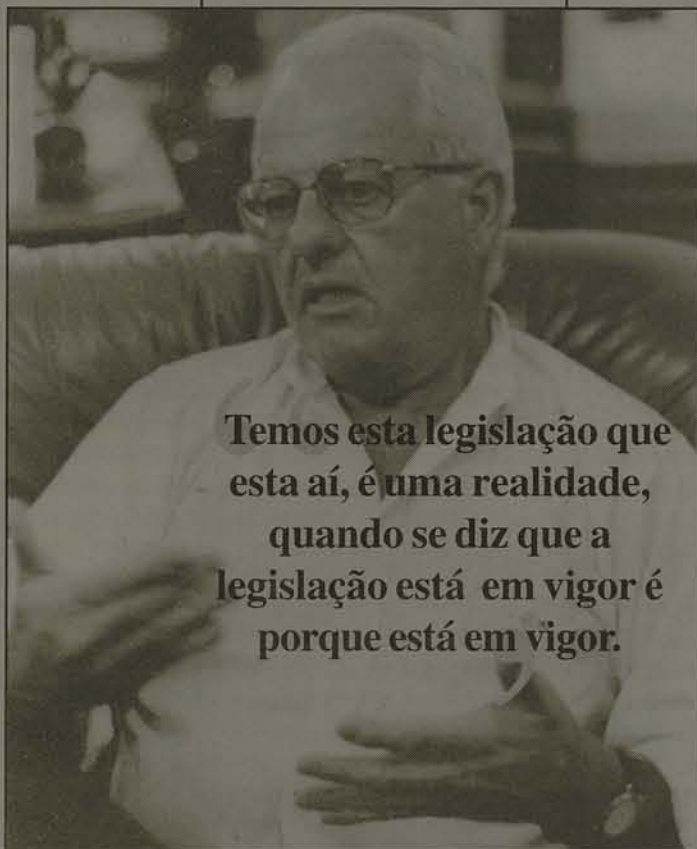
tenta esclarecer que "o ocupante não comprou a propriedade, ele pagou a transferência de uma ocupação. Isto que é difícil de colocar na cabeça das pessoas, que o cidadão comprou foi uma mera ocupação" complementa. Segundo a lei, o atual morador do terreno terá prioridade na compra, mas apenas se estiver em dia com o pagamento da taxa anual para marinha nos últimos cinco anos. Se a pessoa não puder ou não quiser comprar o terreno do governo ele vai a leilão.

Quem se interessar em ser proprietário definitivo terá de fazer um contrato de aforamento junto com a União para ser dono de 83% do terreno. "Mas a União só vai decidir se o cidadão tem preferência na compra mediante títulos e documentos que comprove sua posse", acrescenta Newton Fernandez. Neste contrato que a União irá fazer com o fu-

turo proprietário, consta na lei que, ele irá pagar um foro anual, e não mais uma taxa de ocupação como era antes.

O deputado federal Édison Andrino finaliza dizendo que foi criada uma entidade para tratar deste assunto, "pois tem muita gente que vai precisar de orientação e que, às vezes nem pode pagar um advogado". E complementa, "neste caso, a gente se reúne e, se houver demanda judicial, fica bem mais barato, além de que a pessoa fica com mais poder e mais forte para se defender".

Texto: Yula Jorge e Wagner Maia



Fotografia: Lilia Lacerda

**Temos esta legislação que esta aí, é uma realidade, quando se diz que a legislação está em vigor é porque está em vigor.**

Newton Fernandes Bruggemann

ra que será vendida. No estado, ainda está sendo estudado uma maneira de como será feita essa cobrança por parte da União. "Nós temos que traçar um plano de trabalho porque temos 520 km de costas, temos a ilha de Santa Catarina toda, temos os rios com influência de maré, até o centro da cidade de Blumenau é atingido por exemplo", declara o delegado da Secretaria da União em Florianópolis, Newton Fernandes Bruggemann.

Mas o principal problema enfrentado segundo o delegado é que o cidadão diz que já comprou o terreno uma vez e não vai comprar de novo. Ele

## O que são os terrenos da União?

Hangares das companhias de aviação, assim como terrenos que ficam no meio da Floresta Amazônica e terrenos de marinha.

## E o que são terrenos de marinha?

São os terrenos que ficam na área de 33 metros da maré mais alta, e que se localizam em rios, lagos, lagoas e mares que sofram influência da maré. Os terrenos foram decretados da marinha na época em que o Brasil estava sendo colonizado e sofria influência de guerras externas, dos holandeses, dos franceses, dos espanhóis... Naquela época a guerra viria pelo mar, então estes terrenos tinham uma função estratégica.

## O que é Contrato de Aforamento?

O aforamento é o passo seguinte a ocupação. É um contrato que o antigo ocupante firma com a União Federal feito através de uma série de exigências; de plantas, limitações, vistorias, etc. Muitos documentos fazem parte deste processo demorado onde cada caso é um caso diferente. Quanto mais antigo é o contrato com a União, menor é a taxa que será pago sobre ele.

## Quem terá que pagar pelo terreno?

**Existem 3 hipóteses nesta nova regulamentação para quem ainda não fez contrato de aforamento com a União.**

-Quem tem um imóvel e está ocupando antes de 1988 e tem o título correto, esta pessoa não tem que se preocupar, a União através da atual legislação não vai lhe exigir a compra.

-Já de 1988 à 1996 terá que ser feito um estudo de cada caso, de cada documento, para saber se o cidadão vai ter preferência na compra. Se a pessoa tiver preferência na compra vai ser baixado um edital e a União tem 6 meses para analisar a documentação e definir um preço pelo terreno. Um dos requisitos para preferência é não estar devendo para a União, e se estiver, ainda terá os mesmos 6 meses para quitar a dívida e adquirir o direito de preferência.

-O caso mais problemático é o de quem não se legalizou até 1998 e não tem meios de se legalizar. O terreno irá à leilão, e o ocupante nem tem a possibilidade de ter preferência na compra ou de tentar o aforamento.

# Eles querem viver de música

Histórias de Músicos profissionais de Floripa que conseguem pagar as contas. Ou não.

Fama, dinheiro, lindas mulheres. A vida de *rockstar* está longe do padrão dos músicos de Florianópolis, que muitas vezes precisam ter uma profissão paralela para continuar fazendo o que gostam, tocar. Entre os músicos da ilha, há uma classe de artistas que vem há algum tempo se sentindo desrespeitada. A maioria deles reclamam da relação entre músicos e os donos das casas noturnas e da inutilidade da Ordem dos Músicos. "A Ordem pra mim é apenas alguém que tira o meu dinheiro", declara o guitarrista da banda Os Chefes, André Seben.



Depois de formar uma banda, o candidato a músico profissional tem dois caminhos: tocar músicas cover (composições de outros artistas) ou de investir nas composições próprias. Na primeira opção, num lugar como Florianópolis - que tem cinco ou seis casas noturnas com público cativo - os músicos, para sobreviver, tocam o que está na moda (fórró, pagode, "pop comercial" brasileira e internacional) ou clássicos do rock. No caso da banda de fórró Erva Rasteira, o percussionista Kiko reclama da estrutura das casas de shows da cidade dizendo que "só há uma casa preparada para o fórró aqui em Floripa, onde você toca num lugar legal e é bem remunerado". Gustavo Neves da banda de Marimbá, diz que está fácil tocar fórró porque a moda ajuda. Natascha Hak, cantora de blues na ilha diz que "os bares não investem em isolamento acústico", lembrando que na Lagoa da Conceição as bandas foram proibidas de tocar por reclamação dos moradores. Jorge Gomez, ex-integrante do Phunky Buddha, descreve o trabalho das "bandas de baile", bandas que tocam música de todos os estilos, sendo bem explícito: "Os caras tocam três, quatro noites por semana, quatro horas e meia por noite, ensaiam e tiram uns mil reais no final do mês. Tocam muito e ganham pouco".

Segundo os músicos, o caminho das composições próprias é o mais difícil de se começar. É quando os donos dos bares fazem a fatídica pergunta: "O que vocês tocam?" Uma das principais re-



clamações dos músicos é que ninguém quer contratar uma banda da qual nunca se ouviu falar, ainda mais tocando composições próprias. Por isso o normal é as bandas incluírem músicas de outros artistas no seu repertório próprio para terem aceitação na "panela" das casas noturnas, tendo assim possibilidade de ganhar algum dinheiro. Mas quem toca suas músicas garante que é o melhor caminho.

Giulio Franco, percussionista do John Bala Jones, aconselha os novatos dizendo que "o negócio é se encarnar nas músicas próprias desde cedo".



Bandas maiores como o Dazaranha, já tocam menos até por uma questão de espaço físico. Em razão do porte do show e de uma grande equipe na produção, o Dazaranha só pode tocar em determinadas casas. "Mas quando toca ganha bem", afirma Jorge Gomez. Mas isso depois de dez anos de carreira começando nos bares da Lagoa, assim como a do John Bala Jones que planeja ir

para o São Paulo ou Rio de Janeiro gravar o primeiro CD, depois de resolver o problema da prisão do vocalista Guilherme Ribeiro. "Por enquanto só no CD do Patrola (que contém a música Na Ladeira), diz Giulio".

Luiz Sampaio, percussionista que toca na Orquestra Sinfônica de Santa Catarina, está numa situação difícil, já que a orquestra ficou parada durante quatro meses desde 20 de dezembro do ano passado e então, sem receber algum salário. Ele ressalta que estão esperando o governador assinar um documento reconhecendo-os como funcionários públicos, mas não há um acordo definido sobre a situação da orquestra. O salário dos músicos vinham de captações feitas pelo maestro, devidamente autorizado, de empresas do estado. Sem o reconhecimento do Poder Público do Estado, a orquestra pede socorro. "A música é muito importante para mim, porque eu descobri que converso com as pessoas que eu amo através dela, converso com Deus através da música. Me faz uma pessoa melhor, mais humilde, mais batalhadora", define emocionado o percussionista da Sinfônica.

Outro ponto abordado pelos músicos é a falta de incentivo governamental na promoção de eventos para a população. Eles consideram precária a programação cultural da prefeitura de Florianópolis, que não promove a cultura como lazer da população.

E é assim que vivem os músicos da capital do estado de Santa Catarina, na batalha. Viajando para o interior, tocando em Floripa, dando aulas de música, trabalhando como qualquer outro profissional. Lutando para expandir um mercado ainda incipiente em Santa Catarina e sem apoio, mas que já deu o seu primeiro passo. "Faltam produtores, pessoas com visão de mercado, conhecimento musical e que seja um bom administrador dos interesses da banda", explica Roque Bezerra, proprietário de um estúdio de gravação aqui em Florianópolis.

Algumas bandas da ilha conseguiram lançar material próprio, como Os Chefes, Dazaranha, Iriê, Primavera nos Dentes e a extinta Phunky Buddha, mas até agora só o Dazaranha conseguiu uma tímida projeção nacional concentrada no Centro-sul do Brasil. Mesmo assim, com todas as dificuldades, todos os entrevistados concordam que tocar é um barato, e os que pensaram em parar de tocar perceberam que não conseguiriam fazê-lo. "A música é minha válvula de escape e sem ela eu me sinto incompleto" declara Jorge Gomez.

Mesmo com dificuldades, os músicos seguem se apresentando e entretenendo as pessoas nas noites catarinenses para juntar seus trocados. "De um lado são os donos de bar e de outro é a Ordem dos Músicos nos sugando", reclama Adailton Vicente, baixista d'Os Chefes. E continua dizendo que "Donos de bar ainda abocanham parte do cachê do músico, quando na porta o couvert artístico é R\$ 5,00 e na mão do artista chegam apenas R\$3,00. É uma exploração fodida". Apesar disso, ele nem considera a possibilidade de parar de tocar. "Não, cara. Isso está no sangue, não dá pra largar" finaliza Adailton Vicente.



Texto: Marco Brito e Yula Jorge

## PARA QUE SERVE A ORDEM DOS MÚSICOS SEGUNDO OS PRÓPRIOS MÚSICOS

Entre os músicos a opinião é unânime: a Ordem dos Músicos não serve pra nada. Criada no governo de Juscelino Kubitschek, a Ordem hoje se limita a recolher a anuidade das carteiras de músico profissional, que para fazer o músico paga R\$ 180,00 de inscrição e mais R\$ 80,00 por ano. Veja algumas opiniões na íntegra:

"A OMB é a polícia dos músicos", Natascha Hak.

"Não tem motivo para existir" Gustavo (Marimbá)

"É um nada!", André Seben (Os Chefes)

"O músico é o único artista que precisa de licença para trabalhar! A OMB é um resquício da ditadura, foi criada para cadastrar os subversivos ao comando militar!", Jorge Gomez (ex- Phunky Buddha)

"Muita burocracia e pouco trabalho", Kiko (Erva Rasteira)

"Quando o cara trabalha para comer, ter que dar duzentos contos para a OMB é foda", Dovacir (sanfoneiro na Marimbá e às vezes trabalha como pedreiro)

"A OMB é ou deveria ser como a OAB e as outras instituições que regem as profissões. Dar assistência médica, odontológica. Infelizmente não é o que acontece", Luiz Sampaio (Orquestra Sinfônica)

"Vi só uma vez a OMB fazer um trabalho legal no Rio de Janeiro, incentivando os músicos a não aceitarem cachês baixos", Polo (ator e músico profissional morador da Lagoa).

# O caos anunciado para a Lagoa

A falta de um plano diretor eficaz deixa a Lagoa da Conceição vulnerável à especuladores

**O**s moradores da rua das Araras, uma servidão na Lagoa, reclamam da construção de um condomínio residencial de dois blocos com 64 apartamentos. A população teme que o problema de falta de água e saneamento básico possa se agravar com o aumento do número de usuários. Outra reclamação à construção do prédio é o trânsito, que por se tratar de uma via de mão única, a servidão não suportará a circulação de veículos. Em 1999 foi organizado um abaixo assinado que teve adesão de 90% dos moradores da rua, porém o condomínio continua em construção.

O fornecimento de água feito pela Casan só ocorre no período da noite. Segundo a moradora Marcia Bond o problema poderá se agravar com a chegada de novos moradores. "Com a construção de um edifício deste tamanho, a abastecimento de água que já era insuficiente vai se tornar ainda mais precário". Marcia afirma ainda que no início da manhã e no final da tarde o número excedente de veículos dificultará o acesso às casas.

Segundo dados da Casam o esgoto da Lagoa é em grande parte formado por ligações clandestinas. Existe uma estação que poderia atender 1300 casas, porém só atende 300. Mesmo assim já estaria saturada devido a liberação de esgotos clandestinos direto na rede de drenagem. Desta forma os moradores evitam ter que pagar os serviços de saneamento.

A imobiliária Paes Imóveis, responsável pelo residencial, não quis prestar informações sobre como pretende solucionar os problemas, mas alega que está agindo dentro das leis municipais e respeitando todas as normas impostas pelo plano diretor da Lagoa da Conceição.

Segundo a legislação das ATR-3 (Área Turística Residencial) que faz parte do plano di-

retor dos Balneários - lei 2193 de janeiro de 1985 - seria inadequada o uso de toda a região próxima à rua das Araras para construção de condomínios familiares. Sendo esse tipo de

**Se você não tem uma rua adequada, o adensamento vai agravar o problema da circulação... Isso é uma falha na lei.**

ocupação previsto só para as vias coletoras, que são as ruas de 12 metros de largura com 6 metros de calçada. Porém, em 1992 houve a legalização dos condomínios em qualquer zona turística através do projeto de autoria do então vereador Adir da Silva Gentil (PFL).

O Plano Diretor é criticado por urbanistas que estudam os problemas da Lagoa da Conceição. A doutora em arquitetura e urbanismo, Alina Santiago, reclama da má elaboração do plano por permitir construções como a do edifício na rua das Araras. "Considerando a dimensão da via, a precariedade da água e o adensamento que causaria na rua, é um absurdo o plano diretor permitir esse tipo de construção".

A partir do projeto aprovado em 1992, ocorreu a descaracterização do plano inicial, o que causou então um adensamento populacional na Lagoa da Conceição. Segundo o diretor de planejamento do Ipuf, José Rodrigues da Rocha, outras regiões so-

freram o mesmo processo de crescimento urbano. "Isso provocou um adensamento geral também nas praias de Canasvieiras, Ingleses e Jurerê". Apesar disso Rocha considera que a transformação de áreas estritamente residenciais da Lagoa em ATRs facilita o acesso da população às praias. "Nas ATRs podemos ter bares, lanchonetes, hotéis, enfim todos os serviços que atraem os turistas e o usuário em geral. Isso de certa forma democratiza mais o uso da orla".

As concessões de alvarás de construção são dadas de acordo com a zona a que pertence a rua. A lei vigente não leva em consideração a largura da rua mas sim a zona em que se encontra. "Se você não tem uma rua adequada, com mão dupla, o adensamento vai agravar o problema da circulação... Isso

é uma falha na lei. Ela só diz assim: se a zona permite o uso, a construção é legal." Afirma o diretor do Ipuf, apontando mais um erro no plano diretor.

A ocupação irregular está descaracterizando determinadas regiões da ilha, como as encostas do Morro da Cruz e do Saco Grande e as localidades dos Ingleses, Rio Vermelho e Campeche. A cidade cresceu e a estrutura administrativa é insuficiente para fiscalizar as novas construções.

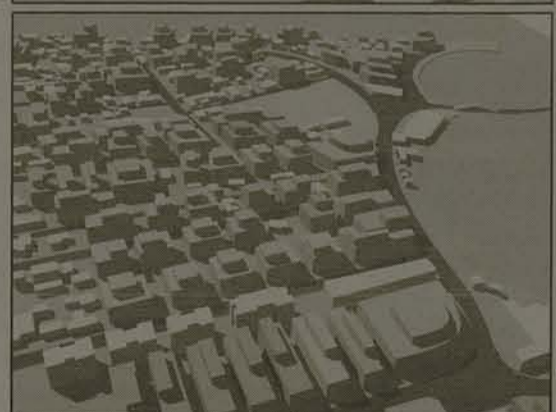
No caso da Lagoa da Conceição, o problema de adensamento e de ocupações irregulares será combatido pelo recém criado Comitê da Bacia da Lagoa, que é formado em 60% por representantes da comunidade e 40% do poder público. Foi realizado um voo aerofotogramétrico que fotografou toda a região da Lagoa e que será traduzido em mapas mostrando as áreas irregulares e onde o atual plano diretor se mostrou falho. Esses mapas serão estudados pelo Comitê que terá a responsabilidade de desenvolver um novo plano para a Lagoa até o fim do ano.

Texto: Fabiano Ávila e Marcos Franzoni

Na primeira imagem, o estado atual na Lagoa da Conceição segundo o estudo realizado pela Doutora em arquitetura Alina Santiago.



A previsão de como irá ficar a Lagoa da Conceição daqui 4 anos, se continuar o crescimento desordenado pela falta de um plano diretor coerente.



Imagens: INFOARQ



Fotografia: Lilia Lacerda

## DE ONDE SAIU ESSA BANDA?

# John Bala Jones

**N**ova formação da banda surgiu em 1999, com a extinta Banda Rococó. Desde então fazem composições próprias e novas versões musicais. Como: Na ladeira, Mundo tranquilo e Submarino.

Hoje se apresentam nas melhores casas noturnas de Floripa e Santa Catarina.

Além de suas composições cantam músicas também de Lulu Santos, O Rappa, Charlie Brown Jr., Lenny Kravitz, Tim Maia, Caetano, Djavan, Alceu Valença e outros.

Está saindo o primeiro CD da Banda, que será gravado brevemente.

Saiu o CD do Patrola com a música predileta da galera: Na Ladeira.

### Formação da banda

Informação básica para tientes e afins

#### Guilherme Ribeiro

Vocalista - Data de Nascimento 27/04/77 - Signo de Touro  
Mania: comer muito, adora curtir a Ilha. Sonha levar o John Bala Jones a se destacar internacionalmente impondo respeito através da música.

#### Jerônimo Thompson

Guitarra - Data de Nascimento 15/10/79 - Signo de Libra  
Amor: a música. Faz piada com tudo.

#### Mateo Troncoso

Baixo - Data de Nascimento 25/07/72 - Signo de Leão  
Sonho: ter qualquer instrumento que desejasse. Mania: se alongar antes do show.

#### Fábio Barreto

Bateria - Data de Nascimento 11/05/74 - Signo de Touro  
Adora dormir  
Sonho: Viver de música para sempre.

#### Fernando Pereira

Guitarra - Data de Nascimento 24/03/78 - Signo de Áries  
Mania: "querer que as pessoas pensem que nem eu"  
Não passa embaixo de escadas Adora comer.

#### Giulio Franco

Percussão - Data de Nascimento 17/07/78 - Signo de Câncer  
Viajar, surfar...Adora cafuné e massagem, do filho Lucca

## Curiosidades

Tudo aquilo que você queria saber e a banda não tinha tempo ou paciência para lhe responder

Z- Como surgiu o nome John Bala Jones?

*O nome John Bala Jones veio de uma gíria que a gente usava, como uma brincadeira. Chamávamos todo mundo de John - John alguma coisa, tinha o John bigodes... daí quando o J B J ia tocar pela primeira vez, abrindo com a Banda Rococó, não tínhamos nome e uma mulher ligou dizendo que precisava colocar o nome no cartaz, aí o guitarrista, Jerônimo, falou bota John Bala Jones, assim na hora. Bala Jones tem haver com balada, criamos tipo um personagem, que pega um violão em volta de uma fogueira e fica a noite toda levando a galera.*

Z- Todos vocês vivem só da música? Alguém tem uma Profissão paralela?

*Atualmente todo mundo tá fazendo um monte de bico pra se virar, estamos sem fazer shows por causa do problema com o Ribeiro, a galera está se virando pra ganhar um trocado... motoboy, música... cada um fazendo uma parada. Estes dias eu estava pegando uma carona e o cara ainda comentou "pô John Bala Jones pegando carona?" e não é assim, o fato de sermos conhecidos não quer dizer nada.*

Z- Idade que cada um começou a tocar, as influências da época.

*Mateo: eu comecei com 18 anos, sempre ouvia muito os sons que meu pai colocava, acordava com Jimmy Hendrix, Black music, funk pra caramba...*

*Chico da Banda Mary Black: comecei a tocar com 15 anos, eu só ouvia Rock, Iron Maden, Black Sabbath,*

Romones, só Rock pesado...

*Giulio: Com 16 anos... foi todo mundo mais ou menos nesta fase, entre 15 e 18 anos, nos conhecemos desde criança, chegou uma hora na nossa adolescência que a gente decidiu montar uma banda, ninguém sabia tocar nada, foi quase um sorteio pra ver quem ia tocar o quê. Risos...*

*Mateo: Estávamos na Lagoinha e tinha um cara lá, todo feião, tocando violão, e a mulherada dando o maior mole pro cara... Daí falamos "Pôrra velho, vamos aprender a tocar e formar uma banda pra pegar a mulherada!" As mulheres foram a principal razão do início da banda, depois cada um arrumou sua namorada, daí continuamos pra fazer um trabalho mesmo.*

*Giulio: Todo mundo aqui teve influência dos pais: ouvimos desde criança Beatles, Pink Floyd, Santana... sons que influenciaram a gente e que têm uma qualidade muito boa, acho que ajudou a gente a fazer nosso som.*

Z- Vocês se apresentam hoje nas melhores casas noturnas... Como é a relação com os donos das casas? (eles exploram o

de não dá a ajuda que poderia, muitas vezes a gente precisa de uma luz a mais, um som a mais, e não temos...

Z- Quais as maiores dificuldades que vocês enfrentaram na carreira? Alguém já pensou em desistir da música?

*Acho que a dificuldade é quase sempre a mesma, como qualquer banda ou músico que começa a tocar em barzinhos, é tocar da meia-noite às seis da manhã, um pique muito forte, o cachê é pouco pra caramba, tu tem que montar tudo, depois descarregar tudo botar no carro (arrumar um carro) levar pra casa... Trabalhar na noite é um stress mesmo, se tu não estiver gostando muito do que está fazendo não dá pra aguentar... Trabalha-se muito e ganha muito pouco. Depois quando a banda começa a ter uma estrutura as coisas ficam um pouco melhores, hoje a gente tem o holding que monta pra gente, tem o produtor que agiliza o camarim... isto dá um pouco de conforto pra gente, ensaiamos durante a semana e na hora de fazer um show estamos mais tranquilo, o show sai mais legal...*

Z- E o CD que tá todo mundo esperando... quando é que sai? Este primeiro CD vai ser gravado aqui em Florianópolis mesmo? Já tentaram produção independente?

*Já era pra gente estar em São Paulo, mas por este lance com o Guilherme deu uma atrasada, e agora não sabemos se vamos pro Rio de Janeiro ou São Paulo, mas será gravado em uma destas duas cidades, vamos gravar, mixar e masterizar tudo por lá.*

*Sobre produção independente desde o começo a gente quis que o primeiro CD fosse um lance de qualidade, não queríamos fazer alguma coisa com pouca grana pra ser um lance mais ou menos... tinha que ser uma coisa boa, por isso*

nunca pensamos em fazer um CD independente, continuamos ensaiando para que um dia rolasse um contrato com uma gravadora. Até gravamos um CD ao vivo pra gente mesmo ouvir, mas alguém colocou na Internet, vazou, e estão vendendo até no camelô, um CD com 16 músicas... Até em Criciúma você compra o CD por 5 reais... No começo a gente ficou meio puto porque não ganhávamos um troco por causa do CD, mas por outro lado se estão comprando no camelô é por que estão querendo ouvir nosso som.

Z- Opinião sobre a ordem dos músicos...

*Sobre isto eu posso falar mesmo porque a gente já brigou muito com eles, eles atrapalham muito o músico...todo ano você é obrigado a pagar uma taxa pra poder tocar, a gente não pode contar com eles pra nada, a única coisa que eles fazem é ficar fiscalizando todo mundo pra ver quem não pagou... não fazem nada em benefício do músico.*

Z- O pessoal da Ilha gosta muito de vocês... fora daqui a recepção é sempre assim calorosa?

*É engraçado o que rola. Santo de casa não faz milagre... fazer show aqui é muito legal mas o pessoal tá mais acostumado com gente, acho que é isto, quando vamos nos apresentar no interior, nos tratam como uma banda de sucesso nacional, é um alvoroço, dá aquele borbulho mesmo, a galera canta muito com a gente, enlouquece.*

Z- Um toque pra galera que está montando sua banda...

*Eu diria pra trabalharem com músicas próprias desde cedo, porque mais cedo ou mais tarde eles irão precisar deste material e*

isto ajuda a banda a ter identidade própria desde o começo. E segundo é pra que não desistam, que resistam as dificuldades porque no futuro pode dar certo, tem que acreditar.

*Mateo: um toque... mandar os vizinhos irem a merda!*

Z- Uma grande roubada...

*(Risos...) tem várias histórias, uma delas é o "Boi na night", tem até nome, nós fomos com todo equipamento, de ônibus, pra Criciúma, chegando lá o lugar do show era num morro e bem na porta do lugar, na entrada mesmo, tinha uma vaca gigante toda descarregada, rodando com um braseiro em baixo... Tinha um monte de cartazes de coisas gaudéias espalhados pelo lugar, acho que eles pensaram que o nome John Bala Jones era de uma banda country, só pode ser. Achamos que o lugar não ia bombar e realmente não deu ninguém! E o pior: não*

*recebemos nada. Até vou falar o nome do cara, Seu Fortunato... Seu Fortunato tá devendo a gente até hoje. Até o ônibus tivemos que pagar do nosso bolso... Foi um preju total.*

*Mas quero dizer que Criciúma é uma das cidades melhores onde a gente faz show, o povo recebe a gente muito bem*

*A gente ainda tocava com a Rococó e fomos tocar na Guarda do Embaú, estávamos num carro com todo o equipamento, era um fusquinha azul caindo aos pedaços, muito velho... a porta abria toda hora. Pegamos a BR com o equipamento todo em cima do carro, pegamos uma Blitz, choramos, choramos, pra levar o equipamento até a praia, daí nos liberaram. Chegando na praia quebrou o cabo do acelerador do fusca e ficamos ilhados lá, tudo deu errado, dava até vontade de chorar, e ainda nem pudemos montar a bateria, o lugar era uma pizzaria, não tinha nem espaço pra montar o equipamento, o show acabou rolando da pior forma possível, só rolou umas duas músicas... se você perguntar isto pro Rodrigo do Iriê ele vai te contar e dar risadas, ele estava com a gente*

Texto: Yula Jorge

# A música continua solta

Sem poder cumprir com compromissos programados com a banda, foi necessário improvisar

Dois meses para sair da colônia penal, o vocalista da banda John Bala Jones Guilherme Ribeiro faz planos para seguir sua carreira como músico profissional. Sem a possibilidade de cumprir com os compromissos que haviam sido programados para a banda, o apoio dos colegas músicos foram de grande importância, como ocorreu na apresentação do grupo no show em comemoração ao aniversário de Florianópolis na Beira Mar Norte. Na ocasião, vá-

Ribeiro foi condenado por co-autoria no assalto, devendo cumprir uma pena de três anos e meio, em regime semi-aberto.

Por lei, ao cumprir um sexto da pena, o cantor terá a mudança do regime semi-aberto para aberto. Como já cumpriu quatro meses em regime fechado, faltariam agora

dando o maior mole pro cara... Daí falamos "Pôrra velho, vamos formar uma banda pra pegar a mulherada!" As mulheres, graças a Deus sempre presentes nos nossos shows, foram a principal razão do início da banda! Depois cada um arrumou sua namorada, daí continuamos pra fazer um trabalho mais sério mesmo." diz Mateo Troncoso, integrante da banda.

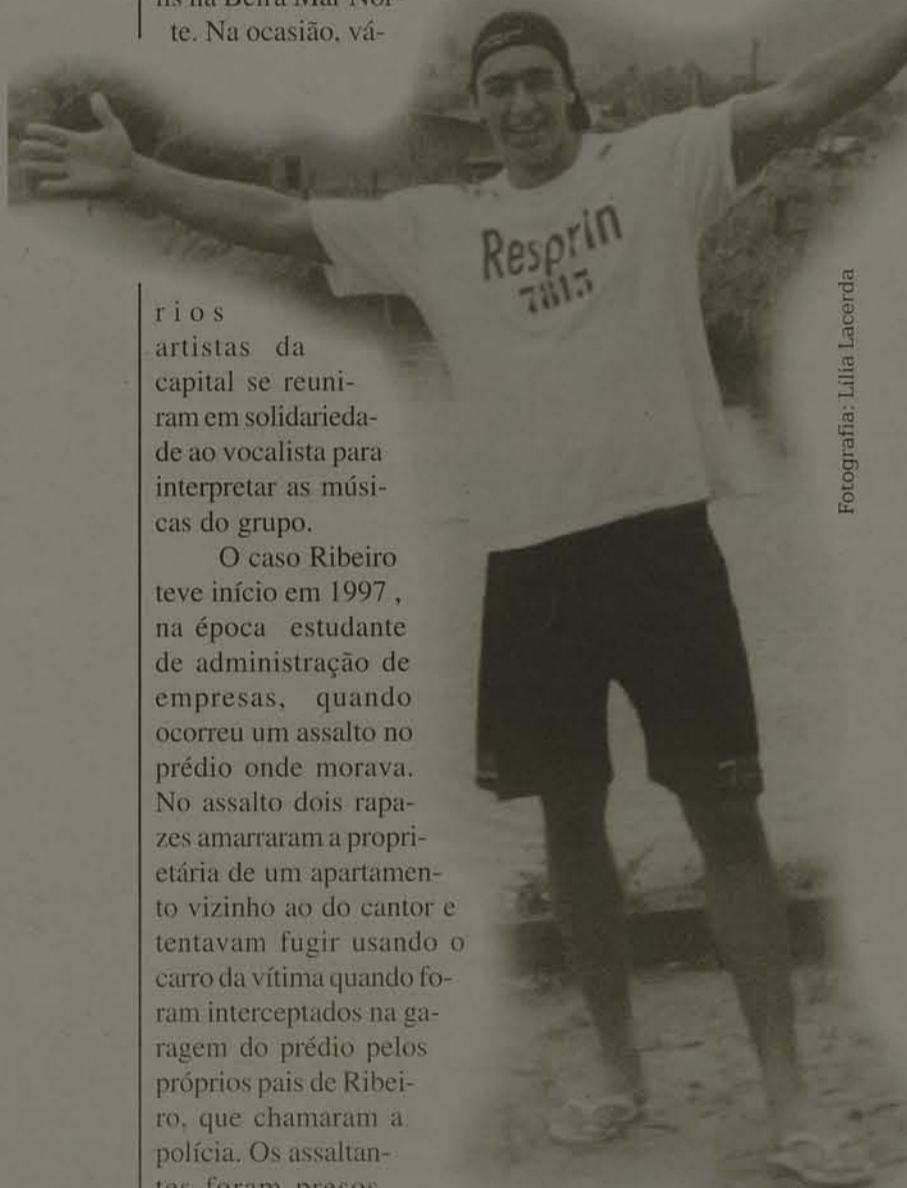
Formada por Guilherme Ribeiro no Vocal, Jerônimo Thompson e Fernando Pereira na guitarra, Mateo Troncoso no baixo, Fábio Barreto na bateria e Giulio Franco na percussão, a banda agora tira férias do palco e aguarda a liberação do amigo para ir a São Paulo gravar o primeiro CD, que já estava em andamento: "Já era pra gente estar em São Paulo, o Ribeiro até já estava lá para a gravação do CD mas por causa deste problema dele com a justiça deu uma atrasada, e agora não sabemos se vamos pro Rio de Janeiro ou São Paulo. A gente está um pouco ansioso" diz o percussionista da banda, Giulio Franco

Com algumas músicas circulando pela Internet no formato MP3, eles reclamam da pirataria mas dizem estar felizes com a procura do público pelo som da banda. "Gravamos um CD ao vivo pra

gente mesmo ouvir, mas alguém colocou na Internet, vazou, e estão vendendo até no camelô, um CD com 16 músicas... Em Criciúma vc. compra o CD por 5 reais... No começo a gente ficou meio puto porque não ganhamos nada com o CD, mas por outro lado se estão comprando no camelô é por que estão querendo ouvir nosso som." diz bem humorado, Giulio Franco.

A banda fala ainda da grande quantidade de boatos espalhados a respeito do caso de Ribeiro. "Falaram na TV que ele iria sair pra tocar no aniversário de Floripa mas é tudo conversa, isto até atrapalha a vida do Ribeiro porque o juiz não deve gostar que fiquem dando palpites numa decisão que cabe exclusivamente a ele." mas afirma que a quantidade de e-mails recebidos da galera dando força e carinho pra John Bala Jones tem força muito maior que os boatos.

Texto: Yula Jorge



Fotografia: Lillia Lacerda

rios artistas da capital se reuniram em solidariedade ao vocalista para interpretar as músicas do grupo.

O caso Ribeiro teve início em 1997, na época estudante de administração de empresas, quando ocorreu um assalto no prédio onde morava. No assalto dois rapazes amarraram a proprietária de um apartamento vizinho ao do cantor e tentavam fugir usando o carro da vítima quando foram interceptados na garagem do prédio pelos próprios pais de Ribeiro, que chamaram a polícia. Os assaltantes foram presos em flagrante e um deles acusou Guilherme de ter facilitado o acesso ao prédio, fornecendo as chaves da entrada do edifício. Não houve nenhuma acusação por parte da vítima contra Ribeiro mas o músico acabou preso na época, em regime fechado, na cidade de Biguaçu. Quatro meses depois o advogado de Ribeiro conseguiu um *habeas-corpus* e ele ficou aguardando o final do processo em liberdade.

No dia 12 de março deste ano

apenas três meses para a progressão do regime.

Formada em 1999, em nova formação, com a extinta Banda Rococó. Ribeiro junto com cinco amigos decidiram montar a John Bala Jones e desde então fazem composições próprias e algumas versões musicais. "Estávamos na Lagoinha e tinha um cara lá, feio pra curamba, tocando violão, e a mulherada

Esta matéria foi produzida no mês de abril, quando Guilherme Ribeiro cumpria pena em regime semi-aberto na colônia agrícola de Palhoça. Segundo o empresário da banda, Rafael Filuccio, no fim de maio Ribeiro passou para o regime aberto, podendo ensaiar com a Banda todos os dias e retornando ao albergue da penitenciária de Florianópolis apenas para dormir. "Nos próximos dez dias a banda deve voltar a fazer shows", afirma Filuccio. O fim da pena de Ribeiro está previsto para o dia seis de dezembro.

O Coordenador da Colônia Penal Agrícola de Florianópolis - Sr. Agostinho Freiberg Machado - explica que a diferença entre a Colônia Agrícola e a Penitenciária (que ficam bem próximas) é que na Colônia estão os presos em regime semi-aberto, estes ficam em quartos. Na Penitenciária estão os condenados a regime fechado e os detentos ficam em celas. Diz também que o interno Guilherme Ribeiro é uma rapaz tranquilo. "Guilherme é muito bem comportado aqui dentro, faz o trabalho e as obrigações dele, tudo com a cara boa, sem reclamar, não temos nada contra ele."

# Assim diz Guilherme Ribeiro na prisão

Vocalista da banda John Bala Jones fala do dia a dia na Colônia Penal, dos planos e da namorada

Entrevistado no dia 27 de março na Colônia Agrícola Penal de Florianópolis, Guilherme Ribeiro aparentava estar bem, e descontraído pediu desculpas pela "camiseta relaxada", que como todas as outras tinha o número de matrícula impresso. "Pensei que era minha mãe", disse sorrindo. Encaminhado por um guarda a uma sala particular, falou da vida que está levando na Colônia Penal, de sua metas e do amor por Cláudia Liz. "A pior parte de estar aqui é quando a Cláudia vem me visitar, ela chora o tempo todo e eu fico mal pra caramba."

**Z:** Me fale do seu dia-a-dia aqui dentro... Você está sofrendo muito?

**Guilherme Ribeiro:** *Aqui o regime é semi-aberto e o preso se ocupa mais, tenta esquecer um pouco o sofrimento, mas sempre acaba pensando na família, na namorada. Mais na namorada! E o tempo vai passando rápido, eu estou aqui há 16 dias e parece que cheguei ontem, são dois meses que tenho que cumprir para passar para o regime aberto, já cumpri 1/3 da pena, que são quinze dias, faltam quarenta e cinco, tá passando... E eu tento me ocupar o máximo, escuto música, toco violão aqui pra galera.*

**Z:** Ser músico e fazer sucesso, ajudou neste caso com a Justiça?

**G.R.:** *Acho que é uma coisa imparcial, quando aconteceu este caso em 97 eu nem tinha banda, fazia faculdade de Administração e interrompi quando fui preso, depois que sai fiz Publicidade e nessa época montamos a banda, depois acabei abandonando a faculdade e me dedicando só a música.*

**Z:** Este seu caso teve uma grande repercussão na mídia...

**G.R.:** *Acho que a banda nunca precisou deste impulso para crescer porque a gente começou bem de baixo, tocando lá na Lagoa da Conceição. E a coisa foi expandindo naturalmente, fomos evoluindo aos poucos. A gente foi conquistando o público, por causa das nossas músicas e do carisma de palco de cada um da banda.*

**Z:** Porque não deixaram você sair

para tocar no aniversário de Floripa?

**G.R.:** *Acho que não deixaram eu sair para tocar porque que eu tinha acabado de ser preso, não faziam nem dez dias. Daí meu advogado entrou com o pedido de liberação para eu tocar e o juiz não quis me liberar. E também não é o que eu realmente quero, sair para depois voltar, eu quero fazer um pedido para eu sair logo daqui, tenho muita coisa para fazer na minha vida.*

**Z:** Assim que você sair vai com a banda para São Paulo gravar o CD?

**G.R.:** *Já estamos com a gravadora, com um bom produtor musical e inclusive estávamos em São Paulo para gravar quando saiu o resultado da justiça, já tínhamos negociado as datas da gravação e entrado no estúdio para fazer a pré produção das músicas e mandar para mão do produtor para ser decidido detalhes, arranjos e outras coisas... Trouxe um CD comigo e fico ouvindo direto. Só depende da decisão do juiz.*

**Z:** E a banda hoje está parada?

**G.R.:** *Tinham parado com as apresentações até por causa da gravação do CD, mas John Bala Jones tocou agora no aniversário de Floripa com convidados... teve participação do meu irmão, do Rô Conceição da banda Iriê, da Emília da Mary Black, do Vagner da banda Spiegel e do Cazu do Dazaranha.*

**Z:** Me fale dos teus planos e expectativas...

**G.R.:** *Minhas metas já estavam todas traçadas, agora quero muito gravar o CD, é o primeiro da banda, estamos há dois anos na estrada tentando realizar este trabalho. Não queríamos lançar nada independente para não morrer aqui em Floripa, tinha que ser algo*

*mais profissional, com boa qualidade, clips...*

*A RBS gostou muito do nosso show neste segundo Planeta Atlântida, assim como o pessoal da gravadora Som Livre, que estão investindo e apostando na gente.*

**Z:** A imprensa tem te incomodado muito?

**G.B.:** *A única coisa chata é o que falam da minha relação com a Cláudia. Estamos namorando e realmente apaixonados, a gente se fala todos os dias porque eu tenho direito a uma ligação por dia, e a imprensa tentou fazer um sensacionalismo aí pelo fato de a história ser meio parecida com a da Simony, chamando a nossa relação de amor bandido e coisas assim, e isso não tem nada haver, eu não sou bandido, nunca tive nada haver com a vida do crime, fui acusado por ter facilitado a entrada das duas pessoas no prédio, tudo bem, mas nunca peguei uma arma na vida, não houve provas no meu caso e também nenhuma acusação da vítima, foi só a palavra do cara. Mas sempre digo que a decisão da justiça não se discute, se cumpre. Estou aqui para acabar de vez com esta história, me apresentei por livre e espontânea vontade ao juiz e quero pagar logo esta pena.*

**Z:** E Cláudia Liz...

**G.R.:** *A Cláudia é maravilhosa, uma pessoa muito especial para mim, a gente se conheceu aqui em Floripa mesmo, numa festa quando ela veio com a peça que estava fazendo: Comunhão de bens, que está voltando agora em cartaz. Este tempo todo a gente estava em São Paulo e tive que vir para cá me apresentar. Numa noite eu estava dormindo com ela maravilhosamente e na outra noite dormindo com um monte de homens, preso aqui. Foi foda (risos...). A Cláudia está me dando o maior apoio, ela é muito gente boa.*

**Z:** Como vai ser quando

seu regime passar para aberto?

**G.R.:** *Depende do Juiz, tem muitas maneiras de eu continuar pagando esta pena, posso pagar serviços para comunidade, ou ele pode me dar uma pena alternativa, ou albergue onde eu terei que dormir todas as noites... realmente não sei como vai ser, vai da cabeça do juiz.*

*Meus advogados já entraram com o pedido de regime aberto, como tem remissão - cada três dias que tu passa aqui diminui um da pena - eu acho que saio daqui a dois meses, quer dizer: passo para o regime aberto. É que eu tinha que cumprir 1/6 da pena preso, como eu já havia passado quatro meses preso, agora teria que ficar mais três, com a remissão acho que pegarei dois meses e pouco.*

Texto: Yula Jorge



ARQUIVO

Sentada em um dos cafés da Lagoa, Cláudia Liz topou falar sobre sua relação com Ribeiro e sobre a barra que está enfrentando ao seu lado.

"Nós estamos juntos desde outubro, é uma situação muito difícil e dolorosa que estamos passando, mas a gente tá tentando levar da melhor maneira possível, com tranquilidade. Estamos tendo um assédio enorme da imprensa, eu principalmente, talvez por estar mais na mídia nacional, virou uma especulação, daí cada um solta uma coisa diferente. A maneira como eu conduzi isto até agora é esta: quando a imprensa pediu para eu falar sobre o caso do Ribeiro, eu mandei uma carta do advogado para explicar o caso, para eu não ter que ficar fazendo isto.

E sei que eu estou apoiando ele, estamos apaixonados e vamos superar tudo. Ele está se saindo super bem, daqui a pouco já vai estar fora, daqui a dois meses só. Eu estou na torcida, agente está muito junto nessa, as nossas famílias estão juntas, tá tudo lindo. Venho todo final de semana, venho para vê-lo, matar a saudade."



# Curtindo a natureza do estado

As ofertas do ecoturismo que Santa Catarina dispõe para aventureiros de final de semana

**S**anta Catarina é um estado que reúne os mais variados tipos de formações naturais: praias, serras, cachoeiras, *canyons*, campos, lagoas, entre muitas outras. Para o turista, as opções de lazer também são muitas, vão desde o relaxamento proporcionado pelas águas termais à adrenalina do vôo livre, do *rapel*, do *rafting*, da escalada e de todos os esportes radicais possíveis de serem praticados em meio a uma geografia tão rica.

O ecoturismo vem, nos últimos anos, sendo muito procurado pelos visitantes gaúchos, paulistas, brasilienses, argentinos e os próprios catarinenses, que aproveitam os fins de semana para invadir cidades como Ibirama, Santo Amaro da Imperatriz, ou recantos paradisíacos como a Ilha do Campache, a Lagoa do Peri, a praia mole... Mas eles também estão descobrindo locais ainda inexplorados e com grande potencial para a aventura.

Um deles é Jacinto Machado, município localizado na divisa com o Rio Grande do Sul, há 250km de Florianópolis. A comunidade tem descendência italiana e faz por merecer o título de povo hospitaleiro. Até hoje produzem deliciosos vinhos coloniais e recebem o turista nas próprias casas, valorizando o turismo rural.

Só que a maior atração são os morros e *canyons*. A imensidão das paredes de pedra e das encostas verdes deslumbram quem chega. O canyon Fortaleza, por exemplo, possui 8.100 metros de extensão. No interior, um grande número de espécies vegetais e animais, quedas d'água e corredeiras, realçam a imponência do paredão de cerca de 500 metros de altura. Para chegar até lá, o turista precisa dirigir meia hora além do centro da cidade, em direção ao Rio Grande do Sul, e caminhar, mais ou menos, duas horas e meia. Quem arrisca jura que vai voltar.

Outro local ainda pouco conhecido é o Campo dos Padres, em Bom Retiro, no planalto serrano. Nele está localizado o morro da Boa Vista, onde fica o ponto mais alto do sul do Brasil, com 1827 metros de altitude. Até uma parte dele pode-se chegar com um carro com tra-

ção nas quatro rodas ou de moto. Mas até o topo, só à cavalo.

Nos dias 6, 7 e 8 de abril, 24 pessoas resolveram encarar o desafio através de uma tropeada. Uma parte do grupo, 15 pessoas, saiu da cidade de Urubici na sexta-feira com o objetivo de chegar até a metade do caminho e repousar em um dos abrigos dos peões que levam o gado de uma pastagem para a outra. A primeira etapa durou cinco horas, contando com o tempo em que ficaram perdidos na mata, subindo encostas quase verticais e correndo o risco de encontrar com uma boiada que vinha na direção contrária. Nesse tempo, várias pessoas caíram e duas ficaram com hematomas graves devido ao peso dos cavalos sobre os seus corpos.

Depois de encontrados pelo guia e tratados os ferimentos, chegaram ao pouso e se serviram de um bom churrasco assado em fogo de chão - problemas esquecidos! No dia seguinte, com todo o grupo reunido, a segunda etapa: chegar ao pico da Boa Vista e voltar ao acampamento antes do anoitecer. A subida foi tranquila, alguns tombos, muita neblina, cerração e chuva fraca, o que impossibilitou-os de apreciar a bela vista do local: as cidades vizinhas, o Farol de Santa Marta em Laguna, Araranguá.

No topo do morro foram encontrados os marcos feitos pelos norte-americanos em 1945, no final da segunda guerra mundial, que confirmam a localização do ponto mais alto do sul do Brasil. Registros feitos, mais três horas de descida, além das cinco de subida. A comemoração foi uma ovelha, ou carneiro - afinal ninguém averiguou o sexo do animal! -, bem assada na brasa e regada a



O guia, João do Burro (à esquerda, na frente), e alguns membros do grupo, ao lado do marco que confirma o ponto mais alto do sul do Brasil, com 1827 metros de altitude, em Bom Retiro.

muito vinho, cachaça, whisky, refrigerante. No domingo, o retorno à vida normal foi feito contornando o morro até a cidade de Bom Retiro, onde a mulher de um deles esperava a turma com um bom e substancioso *arroz carreteiro*.

A aventura promete ser lembrada por eles durante toda a vida e serve de exemplo para quem queira desvendar os mistérios e as belezas de Santa Catarina. E como o estado ainda tem muito, mas muito mais para se conhecer, vale a pena ir atrás e aproveitar!



Texto e fotos: Marina Nagel



# Teve nem tão Comunitária assim

## Má elaboração da lei que favoreceria a TV Comunitária acaba prejudicando

Três anos depois da primeira discussão sobre a TV COMUNITÁRIA pouco se fez para democratizar o veículo. Apesar da aprovação da Lei do Cabo em 1995, que obriga todas as concessionárias de serviço de

cabo difusão a ceder espaço para os órgãos do governo e para a comunidade, ela não prevê a auto-sustentação do próprio canal comunitário.

Mesmo com a proibição de comercializar publicidade nas TVs Comunitárias, há uma em Florianópolis, criada em 1997, que se mantém sem nenhum apoio oficial. A formação da estrutura foi negociada com o sindicato dos bancários que cedeu o espaço para sua instalação e a apresentação dos programas. Alguns equipamentos foram doados pela Empresa de Comunicação Diálogo, Cultura e Comunicação e a ilha de edição, onde são montados os programas, foi doado pela Empresa de Comunicação italiana Crocevia.

Em 04 de junho de 1995 ocorreu aqui em Florianópolis o I Seminário Catarinense sobre TV à Cabo de Acesso Público, onde foi discutido a criação da TV Comunitária aqui na capital. Representantes da NET, entidades não-governamentais e filantrópicas, sindicatos e convidados da TV Comunitária de porto Alegre participaram desse encontro. Foi formada uma comissão com as organizações locais para representar a TV Comunitária de Florianópolis, o Pró-Canal. No dia 17 de dezembro de 1997, o primeiro programa da TV FLORIPA foi ao ar, no canal 14 da NET.

A primeira TV Comunitária do Brasil foi criada em porto Alegre em 1995. A Prefeitura da capital gaúcha incentivou a sua criação organizando um Fórum Municipal para a discussão do projeto. Sindicatos, entidades filantrópicas e não-governamentais participaram desse Fórum.

Em Santa Catarina, o apoio que a TV Floripa recebe vem da Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP), que reúne produtores de todo o Brasil. Ela disponibiliza vídeos

para serem exibidos, além de manter contato com associações da toda a América Latina. A TV Floripa está filiando entidades para contribuições espontâneas que



consideram o trabalho da TV Comunitária importante e reconhecem que o trabalho realizado contribui com a comunidade por fazer uma comunicação diferenciada e sem a influência do governo.

Para a concretização projeto da TV Comunitária na Ilha, a Pró-Canal negociou com a NET a questão técnica de ligação da TV Floripa. Segundo a Lei do Cabo, toda concessionária de serviço de cabo difusão é obrigada a disponibilizar seis canais para uso público e gratuito: TV Senado, TV Câmara, TV Assembleia, TV Educativa, TV Universitária e TV Comunitária. A primeira discussão para a criação de canais que servissem a comunidade ocorreu no Fórum Nacional para Democratização da Comunicação (FNDC) em 1988. Essa discussão acabou fazendo parte da elaboração da Constituição de 1989. Esse Fórum junto com o Ministério das Telecomunicações elaboraram a Lei do Cabo (Lei nº 8977 de 06/01/1995). "O Canal Comunitário nasceu para ser democrático, dar espaço à comunidade local", disse o operador técnico da TV Floripa, Sílvio Smaniotto.

### TV FLORIPA

O primeiro programa da TV Floripa foi exibido em dezessete de dezembro de 1997. A programação era de uma hora por dia, três dias por semana. Em 1998, passou a ser exibido cinco dias por semana. No ano se 2000, o espaço da programação aumentou de três para cinco horas, sendo uma hora de programa ao vivo e duas horas de vídeos. Hoje ela entra no ar às quinze horas com um programa de entrevistas ao vivo e às dezoito horas começa a apresentação dos vídeos.

Para ocupar o espaço em branco da programação foi implantado um sistema de telas informativas. E também tem o espaço para a comunidade, que se quiser exibir algum trabalho, há disponibilidade do tempo.

Os programas exibidos na TV Floripa são os vídeos ex-

perimentais da comunidade, vídeos da ABVP, Trabalhos de Conclusão de Curso. Os temas dos vídeos são sobre cidadania, sexualidade, meio ambiente, saúde, e outros temas ligados à comunidade. O operador de vídeo da TV, Sílvio Smaniotto disse que "apesar de ter frequentado o Curso de Jornalismo da UFSC durante dois anos, não consegue um vínculo com a Universidade para a veiculação dos vídeos produzidos no curso, nem das apresentações dos Trabalhos de Conclusão de Curso" e continua, "temos mais TCCs da Univale do que da UFSC".

Para 2001, a TV quer alcançar cinco horas diárias de programação, ampliar os equipamentos, agregar novas pessoas, novos programas e criar uma equipe de externa. E como objetivo principal, desmistificar a relação da comunidade com a televisão, fazer a população entender que a TV é para ser usada.

A TV Floripa é organizada assim: Assembleia Geral (órgão máximo), Comissão Coordenadora (25 membros), Coordenação Executiva (4 membros), Operadores (Sílvio Smaniotto e Augusto Sisson) e Coordenador Geral (Delmar Gularte).

Texto: Daniela Fernandes



# CASA NOVA



**D**epois de mais de seis meses de atraso, as novas instalações do curso de Jornalismo da UFSC foram finalmente inauguradas no dia 21 de maio deste ano. O prazo inicial para a conclusão da obra era de seis meses. Acabou durando um ano e cin-



co meses. Ao todo, foram gastos R\$ 450 mil na construção de novos laboratórios e aquisição de equipamentos.

O chefe do Departamento de Comu-

nicação Social, Prof. Hélio Schuch, explica que o atraso aconteceu devido às alterações no projeto original da reforma. Como já tinha sido elaborado há muito tempo, e o dinheiro só foi liberado em 99, algumas necessidades - que hoje são fundamentais - não foram previstas, como a instalação de pontos de internet em todos os laboratórios. A principal mudança foi o aumento da área do curso para 550m<sup>2</sup>, e os espaços antes ocupados por corredores foram melhor aproveitados.

Além das mudanças no espaço físico, o curso também ganhou aparelhos de ar condicionado para todas as salas e sistema centralizado de refrigeração nos laboratórios de áudio e TV. Foram adquiridos também vinte computadores para o laboratório de informática. Apesar das melhorias, Hélio Schuch diz que a reforma do curso ainda não está completa.

Ainda estão faltando alguns equipamentos como câmeras fotográficas e de vídeo. Para o segundo semestre de 2001 os alunos deverão ter à sua disposição uma sala de meios, com computadores conectados à internet e a impressoras. Por enquanto, o acesso à rede está restrito aos alunos que cursam disciplinas nos laboratórios.

Os alunos têm reclamado da falta de uma área de convivência: antes da reforma, eles costumavam reunir-se na escada do curso ou nos bancos que ficavam em frente.

Havia também a chamada "Praça Vermelha", um espaço próximo ao antigo laboratório de fotografia, onde aconteciam as festas anuais do curso e o "Quebra Tudo". Hélio Schuch afirma que existem planos de

se fazer uma área de convivência na frente da entrada atual do prédio.

Na cerimônia de inauguração estiveram presentes o reitor Rodolfo Pinto da Luz, jornalistas, empresá-



os da área, alunos e ex-alunos do curso. O professor Hélio Schuch lembra que o bom conceito do curso nos provões de 99 e 2000 contribuiu para que a verba para as obras fosse liberada.

Texto: Marcela Albuquerque



# ZERO

Fotografias Horizontais: Leonardo Miranda / Fotografias Verticais: Wagner Maia